

Veículo: Jornal BE NEWS

Editoria: Finanças

Tipo notícia: Reportagem

Página: 20

Data de publicação: 24/02/2026

Origem da notícia: Iniciativa da mídia

Categorias: Assunto de interesse

Valoração: R\$ 165.735,00

FIEAM **SESI** **SENAI** **IEL**

Dólar abre a semana em leve queda e vai a R\$ 5,16

Com recuo de 0,14%, a divisa chegou ao terceiro pregão seguido de desvalorização e acumula baixa de 1,51% em fevereiro. O dólar abriu a semana em leve queda no mercado doméstico, em linha com a desvalorização da moeda americana no exterior. Apesar de Donald Trump anunciar, no fim de semana, elevação de tarifas globais de 10% para 15%, a leitura é que a nova configuração da política comercial americana, após a Suprema Corte dos EUA decidir pela ilegalidade das chamadas tarifas recíprocas, é favorável ao Brasil. Fora uma alta pontual no começo dos negócios, quando tocou máxima a R\$ 5,1908, o dólar operou em baixa no restante do dia. Pela manhã, a taxa de câmbio rompeu o piso de R\$ 5,15 e desceu até a mínima de R\$ 5,1398. Com a virada do petróleo para o campo negativo e a diminuição das perdas da moeda americana lá fora, a divisa reduziu o ritmo de baixa e passou a tarde rondando os R\$ 5,16. No fim dos negócios, o dólar à vista recuava 0,14%, a R\$ 5,1686, mais uma vez no menor valor de fechamento desde 28 de maio de 2024 (R\$ 5,1540). Foi o terceiro pregão consecutivo de desvalorização da divisa, que já acumula baixa de 1,51% em fevereiro, após recuo de 4,40% em janeiro. No ano, a moeda americana cai 5,84% em relação ao real, que apresenta o melhor desempenho entre moedas latino-americanas no período. Para o economista-chefe para a América Latina da Pantheon Macroeconomics, Andres Abadia, o mercado de câmbio global é marcado pelo enfraquecimento da moeda americana, o que beneficia sobretudo, divisas emergentes de países com juros altos, como as da América Latina. "Com taxas de juros reais elevadas e um mercado profundo e líquido, o real se beneficiou mais que seus pares", afirma Abadia, para quem a derrubada da tarifa-ço pela Suprema Corte dos EUA é favorável na margem à moeda brasileira. "Setores que enfrentavam tarifa de 50% ganham competitividade com taxa global de 15%. Isso reduz a pressão sobre os exportadores brasileiros e fortalece ligeiramente a posição externa do Brasil". Referência do desempenho do dólar em relação a uma cesta de seis moedas fortes, com destaque para o euro e o iene, o índice DXY operou em queda ao longo do dia e recuava cerca de 0,10% no fim da tarde, ao redor dos 97,700 pontos, após mínima aos 97,355 pontos. No ano, o Dollar Index acumula queda superior a 0,60%. As taxas dos Treasuries recuaram em bloco, com queda de mais de 1,5% do yield dos papéis de 10 anos, enquanto as bolsas em NY recuaram mais de 1% - sintomas de redução de posições em ativos de risco. O economista-chefe da WHG, Fernando Fenolio, afirma que há um debate intenso nos EUA sobre a possibilidade de impactos deflacionários mais acelerados com o avanço da inteligência artificial, o que leva a uma queda das taxas de juros americanas. "Há a perspectiva de que a inteligência artificial afete vários mercados, o que pode levar a aumento do desemprego e desaceleração do PIB", afirma Fenolio. "Com essa discussão, os juros americanos fecham e o dólar perde valor, o que beneficia o real".

FINANÇAS

Dólar abre a semana em leve queda e vai a R\$ 5,16

Com recuo de 0,14%, a divisa chegou ao terceiro pregão seguido de desvalorização e acumula baixa de 1,51% em fevereiro

Marcello Casal Jr / Agência Brasil

Estadão Conteúdo

O dólar abriu a semana em leve queda no mercado doméstico, em linha com a desvalorização da moeda americana no exterior. Apesar de Donald Trump anunciar, no fim de semana, elevação de tarifas globais de 10% para 15%, a leitura é que a nova configuração da política comercial americana, após a Suprema Corte dos EUA decidir pela ilegalidade das chamadas tarifas recíprocas, é favorável ao Brasil.

Fora uma alta pontual no começo dos negócios, quando tocou máxima a R\$ 5,1908, o dólar operou em baixa no restante do dia. Pela manhã, a taxa de câmbio rompeu o piso de R\$ 5,15 e desceu até a mínima de R\$ 5,1398. Com a virada



A moeda americana chegou à máxima de R\$ 5,19 nesta segunda, mas com a virada do petróleo para o campo negativo recuou para R\$ 5,16

do petróleo para o campo negativo e a diminuição das perdas da moeda americana lá fora, a divisa reduziu o ritmo de baixa e passou a tarde rondando os R\$ 5,16.

No fim dos negócios, o dólar à vista recuava 0,14%, a R\$ 5,1686, mais uma vez no menor valor de fechamento desde 28 de maio de 2024 (R\$ 5,1540). Foi o terceiro pregão consecutivo de desvalorização da divisa, que já acumula baixa de 1,51%

em fevereiro, após recuo de 4,40% em janeiro. No ano, a moeda americana cai 5,84% em relação ao real, que apresenta o melhor desempenho entre moedas latino-americanas no período.

Para o economista-chefe para a América Latina da Pantheon Macroeconomics, Andres Abadia, o mercado de câmbio global é marcado pelo enfraquecimento da moeda americana, o que beneficia sobretudo, divisas

emergentes de países com juros altos, como as da América Latina.

"Com taxas de juros reais elevadas e um mercado profundo e líquido, o real se beneficiou mais que seus pares", afirma Abadia, para quem a derrubada do tarifaço pela Suprema Corte dos EUA é favorável na margem à moeda brasileira. "Setores que enfrentavam tarifa de 50% ganham competitividade com taxa global de 15%. Isso reduz a pressão sobre os exportadores brasileiros e fortalece ligeiramente a posição externa do Brasil".

Referência do desempenho do dólar em relação a uma cesta de seis moedas fortes, com destaque para o euro e o iene, o índice DXY operou em queda ao longo do dia e recuava cerca de 0,10% no fim da tarde, ao re-

dor dos 97,700 pontos, após mínima aos 97,355 pontos.

No ano, o Dollar Index acumula queda superior a 0,60%. As taxas dos Treasuries recuaram em bloco, com queda de mais de 1,5% do yield dos papéis de 10 anos, enquanto as bolsas em NY recuaram mais de 1% - sintomas de redução de posições em ativos de risco.

O economista-chefe da WHG, Fernando Fenolio, afirma que há um debate intenso nos EUA sobre a possibilidade de impactos deflacionários mais acelerados com o avanço da inteligência artificial, o que leva a uma queda das taxas de juros americanas.

"Há a perspectiva de que a inteligência artificial afete vários mercados, o que pode levar a aumento do desemprego e desaceleração do PIB", afirma Fenolio. "Com essa discussão, os juros americanos fecham e o dólar perde valor, o que beneficia o real".

Impresso:

<https://amazonclipv2.s3.amazonaws.com/impressos/2026/02/24/Ny0yNC0wMi0yMDI2XzA5OjM5.png>